

## A "NOBREZA DE ESTADO" E A REVOLUÇÃO FRANCESA

Barbara Freitag

Reflexões sobre o último livro do sociólogo Pierre BOURDIEU, **LA NOBLESSE D'ETAT. Grandes Ecoles et Esprit de Corps**, Editions de Minuit, coll. "Le sens commun" 570 p., lançado em Paris em março de 1989.

### Vinagre no vinho do Bicentenário da Revolução

O **Nouvel Observateur** (9-15 Mars 1989/3) fala "de um dos grandes livros dos últimos dez anos" que "promete fazer ruído" e "azedar" o vinho dos festejos do Bicentenário da Revolução Francesa. **Le Monde des Livres** (10.3.1989) dá destaque ao brilhantismo, à engenhosidade e ao rigor de seu autor. Pierre Bourdieu explica: a burguesia francesa de hoje, convertida em "nobreza" por um sistema escolar altamente seletivo e competitivo, encontrou neste sistema seu instrumento ideal de reprodução.

Para os conhecedores da obra de Bourdieu a tese não é nova. Ela já fora enunciada em **Les Héritiers** (1964), reafirmada em **La Reproduction** (1970), consolidada em **La Distinction** (1979) e empiricamente comprovada em **Homme Academicus** (1984). O "ruído" em torno do livro sobre a nova aristocracia francesa não é mero sensacionalismo da indústria cultural parisiense. O livro é efetivamente o coroamento da obra de Bourdieu, a síntese de ampla pesquisa de campo; um marco teórico e metodológico para sociólogos e educadores; uma revelação para estudantes e políticos.

Mesmo assim, os intelectuais e tecnocratas no poder podem saborear tranquilamente o seu "Chateau Neuf du Pape" ou seu "Gewürztraminer" e saudar a Revolução Francesa. Eles devem seus privilégios e a sua legitimidade a essa Revolução. Bourdieu o afirma e o confirma: não se trata de uma **noblesse de robe** mas de uma **noblesse d'école**, não se trata de uma elite leviana e incompetente que herdou gratuitamente o poder, mas de uma elite que conquistou a duras penas sua competência, enfrentando os emaranhados de um sistema escolar exigente, seletivo e classificador. Os novos aristocratas são tecnocratas competentes. A nobreza de escola é filha legítima da Revolução. A revelação de Bourdieu não consegue azedar o vinho. Contudo, seu livro confirma a ambigüidade da própria Revolução que, ao mesmo tempo, realizou as idéias do Iluminismo e traiu seus princípios mais sagrados. As **Grandes Ecoles** não constituem excessão.

## Uma revelação

Aos políticos e à sociedade francesa em geral, o livro revela que não são mais os egressos da **rue d'Ulm** e sim os da ENA que controlam o poder na França, produzindo ao mesmo tempo inquietação e satisfação nas elites do poder. A inquietação fica por conta daquelas famílias burguesas, ricas em "capital cultural" que apostaram na Ecole Normale Supérieure (ENS) para a formação intelectual e profissional dos seus filhos. A satisfação está do lado daqueles **parvenus** da burocracia estatal que optaram pela Ecole Nationale d'Administration (ENA).

O que para qualquer francês é o óbvio merece algum esclarecimento para o leitor não-francês.

A Escola Normal Superior (para rapazes), na rue d'Ulm em Paris, foi criada por decreto de 9 brumário, no ano III da Revolução, ou seja em 30.10.1794, para assegurar a formação de professores de nível superior. Sob Napoleão, que restaurou as universidades abolidas com a Revolução, a ENS foi anexada à Universidade de Paris, mantendo contudo sua autonomia financeira. Transformou-se com o tempo no centro, por excelência, da formação da intelectualidade francesa (o próprio Bourdieu formou-se aqui). A ENS forneceu, durante a III e IV República, além dos grandes nomes da ciência, pesquisa e docência, grande parte dos políticos de França, de primeiro escalão. A ENA foi criada em 1945, por iniciativa do governo provisório de Gaulle, para formar os quadros superiores da administração, estando hoje diretamente subordinada ao Primeiro Ministro. Sua vinculação com a universidade é indireta. Esta fornece os candidatos ao concurso externo da ENA, geralmente procedentes do Instituto de Estudos Políticos, integrado à universidade. É portanto, um órgão do Estado que forma os quadros de profissionais de alto escalão do Estado.

A **Noblesse d'Etat** desvenda, essencialmente, a luta pelo poder entre essas **Grandes Ecoles** de França, reafirmando a velha tese das oposições e dos conflitos de interesse existentes em um mesmo campo do poder, no caso o campo intelectual. Quando o texto fala das Escolas ou da Escola com E maiúsculo, ele não se refere nem à escola primária ou secundária, nem ao sistema escolar em geral, mas às instituições de elite, de ensino superior, especializadas em formar os quadros intelectuais e políticos da Nação. Tomando-se como ponto de referência a data de 1789, as duas Escolas em foco podem ser encaradas como "usurpadoras" do poder aristocrático. A ENS (da rue d'Ulm) transformou-se em centro de excelência da burguesia revolucionária que usurpou o poder da aristocracia "**de robe**"; a ENA transformou-se em centro de formação dos quadros administrativos superiores da burguesia estatal do pós-guerra, usurpando o poder dessa nova "aristocracia intelectual". Em ambos os casos, o Estado Republicano cria canais de ascensão e controle, via instituições escolares, no dizer de Bourdieu, "máquinas" de excelência e competência que diferenciam, segregam, mistificam e elitizam, conferindo prestígio e altos salários, assegurando poder e controle.

## Um novo clássico da sociologia

O livro de Bourdieu também é uma revelação para os cientistas sociais e

conhecedores do assunto: não tanto pelos resultados obtidos, mas pelo seu processo de produção. Nesse sentido, **La Noblesse d'Etat** é um novo clássico da sociologia, teórica e metodologicamente falando.

Bourdieu mostra, da introdução às conclusões, das notas de pé de página aos anexos, das referências bibliográficas aos questionários, da ilustração empírica à abstração teórica, que ele domina o seu **métier** de sociólogo. E seu trabalho tem um sentido, tem sua razão de ser: elucidar a prática quotidiana na qual se envolvem consciente e inconscientemente os grandes e pequenos intelectuais, tecnocratas e políticos para assegurar-se a melhor fatia do bolo.

Em **La Noblesse d'Etat**, Bourdieu segue as pegadas de dois outros trabalhos: o **Capital** de Marx – e a **Noite Americana** de Truffaut. Como é sabido, Marx reconstruiu em sua estrutura e em seu funcionamento o modo de produção capitalista, recorrendo a todo o material disponível, que permitisse refazer as etapas históricas e lógicas da passagem da produção feudal à produção calcada na maquinaria e grande indústria. Truffaut mostrou o processo de produção de um filme, enquanto trabalho coletivo de inúmeras “celebridades”, entre artistas e técnicos, assistentes e diretores de cinema.

O último livro de Bourdieu produz a transparência das estruturas econômicas e de poder, relacionadas e analisadas a partir do recrutamento de suas lideranças dentro e fora da universidade. Os diferentes campos sociais hierarquizados no eixo vertical em dominantes e dominados, diferenciam-se ainda no eixo horizontal em grupos de interesses opostos que se polarizam e antagonizam. É o caso das **Grandes Ecoles**. Elas fazem parte de um campo de poder onde assumem o topo da hierarquia social. Neste ocorre uma polarização em ENS e ENA, havendo outras **Ecoles** intermediárias (como a Ecole Polytechnique, a Ecole de Hautes Etudes, as Escolas Normais Superiores de Província, etc.).

Bourdieu esclarece sua hipótese inicial: “o espaço das grandes Escolas, na medida em que forma uma estrutura de relações e de oposições, contribui para reproduzir as diferenças no interior daquilo que ordinariamente se chama de ‘a classe dirigente’. Na medida em que estudamos não somente uma, mas o conjunto formado pelas escolas, podemos compreender as funções mais amplas que elas preenchem”. (Nouvel Observateur – 1989/3, p.80).

Para fundamentar essa hipótese o autor de **La Noblesse d'Etat** gastou mais de 20 anos de pesquisa, envolveu colegas (Monique de Saint-Martin, Baudelot outros), entrevistou estudantes e egressos das **Grandes Ecoles**, consultou administradores e estatísticos. Além do estudo detalhado de todas as grandes e pequenas “Ecoles” de Paris e da Província (o estudo da Universidade já fora realizado e publicado à parte em o **Homo Academicus**), investigou centenas de empresas, clubes, Conselhos administrativos públicos e privados. Recorreu a amostras e questionários escritos, entrevistas de profundidade e telefonemas. Consultou enciclopédias e livros, incluiu artigos de jornal, relatórios de empresas. Cruzou dados oficiais com dados sigilosos, como por exemplo os julgamentos de bancas examinadoras, pareceres de teses, saudações elogiosas a colegas, etc. Em suma, incluiu todo o tipo de informação disponível, citando com astúcia até mesmo necrológios, memórias, biografias, denúncias... Longe de perder-se no emaranhado desestruturado e desestruturante desse

material múltiplo e aparentemente desorganizado, Bourdieu consegue dar-lhe forma e coerência. Descobre (literalmente) suas estruturas conscientes e inconscientes, desnuda as funções manifestas e latentes das instituições estudadas. Bourdieu consegue assim o impossível: dar forma coerente aos mecanismos de recrutamento das elites francesas, criando uma totalidade estruturada, transparente. É a própria Tour Eiffel iluminada por dentro, revelando no detalhe exposto aos holofotes a lógica de seu princípio de estruturação.

Bourdieu não segue uma metodologia legalizada pela ciência institucionalizada. Rompe todas as regras, corre todos os riscos, comete todas as infrações, arrisca todas as deslealdades em nome de um princípio maior: produzir e reproduzir em sua estrutura e dinâmica a realidade social criada e assegurada pelas **Grandes Ecoles**: a nova hierarquia que se consolidou depois da Revolução histórica. Bourdieu abre assim seus próprios caminhos, cria, como o fizera Marx, uma nova metodologia de análise e crítica da sociedade contemporânea.

Bourdieu não segue qualquer teoria. Parasita todas, aderindo a nenhuma. Faz empréstimos ao marxismo e à fenomenologia, ao estruturalismo e ao historicismo, ao interacionismo simbólico e à teoria da ação. Rejeita o racionalismo em nome da razão, o subjetivismo em nome do sujeito, o estruturalismo em nome da estrutura. Bourdieu produz sua própria teoria. Aliás, seus leitores habituais reencontrarão os conceitos já familiares de "campos", i.e., espaços sociais estruturados, nos quais o que interessa são as dimensões e as relações da estruturação; "hábitos", i.e., disposições internalizadas para a ação; "esquemas", i.e. estruturas cognitivas de percepção e reconhecimento dos campos e espaços sociais; "capital cultural" e "capital escolar", representações simbólicas mediatizadas pela família e pela escola que facilitam as relações de troca e aumentam o valor de cada um nos respectivos mercados. O leitor reencontrará, mesmo que com menor frequência, as expressões de "violência pedagógica", "ação pedagógica" e outros conceitos, em circulação desde o lançamento, juntamente com Passeron, de **La Reproduction**. Mas enquanto nesse trabalho os conceitos pecavam por um excesso de formalismo e abstração, os mesmos conceitos parecem ganhar vida e concretude na **Neblesse d'Etat**, dando sentido aos dados coletados.

### Um guia prático do estudante

O objeto desvendado pressupõe o observador, como o exibicionista, o voyeur. A transparência criada pelo livro de Bourdieu não provocará qualquer terremoto, não derrubará qualquer governo. O livro tampouco azedará o vinho da V República, que se prepara para festejar a Revolução que lhe deu origem. O "**strip tease**" tão brilhantemente encenado por Bourdieu tem como público os seus pares, que o aplaudirão. Só eles sabem avaliar a trajetória percorrida e os sacrifícios realizados para assegurar a publicação das quase 600 páginas de texto. Somente outros sociólogos e cientistas sociais têm o "olho do voyeur" adestrado, para valorizar e sentir prazer com o desempenho do grande cientista. No balanço geral de leitores e não-leitores, de adeptos e opositores do livro, permanecerá o registro: quem quiser fazer carreira na França, terá que cursar a ENA ou algo equivalente. Hoje em dia, o que conta para ascender na escala



social é o capital escolar, que passa a ser a condição necessária, mesmo que não suficiente, de acesso à "noblesse d'Etat". Quem quiser ter prestígio, controlar o poder, a economia e os próprios mecanismos de sua reprodução, precisa inscrever-se nos concursos (externos ou internos) da ENA, substituir a carreira de intelectual e pesquisador pela de tecnocrata e administrador. O futuro está na "nobreza de Estado", a nova aristocracia francesa, a casta dos mandarins de França.

### "Noblesse de robe" versus "noblesse d'école"

O livro de Bourdieu retoma um velho tema e fortalece as críticas contidas em seus livros anteriores: a escola libertadora é um mito: ela passa a ser o mecanismo central de um modo de reprodução que perpetua as estruturas da desigualdade.

Estruturalmente não há diferença entre o **Ancien Régime** e a **República de Mitterand**.

"A nobreza 'de robe', da qual os tecnocratas contemporâneos são os herdeiros estruturais (e por vezes os próprios descendentes), constitui uma corporação que se criou, criando o Estado"... (S. 543) Os tecnocratas, ou novos mandarins, especificamente os "enarcas" (egressos da ENA), não recebem seus cargos por transmissão hereditária, nem seus títulos por dinheiro (como alguns dos seus antepassados "estruturais"), mas graças à sua inteligência, à sua competência escolar, comprovada pelos títulos conferidos pelo Estado. Por isso, Bourdieu compara a atuação das **Grandes Ecoles** ao ato de auto-coroamento de Napoleão I.

As análises estatísticas e a riqueza de dados revela a "afinidade eletiva" existente entre as profissões exercidas pelos pais e pelos filhos. Conferindo dados estatísticos de várias gerações de egressos das **Grandes Ecoles** e confrontando-os com os dados das origens sócio-econômicas dos atuais estudantes das diferentes escolas de alto nível, Bourdieu encontra a confirmação de uma regra estatística: os filhos de professores e egressos da ENS tendem a ocupar as vagas dessa "Ecole" de maior prestígio social e intelectual; os filhos de dirigentes de empresas (multinacionais, estatais e privadas) que até o período da Segunda Guerra Mundial ocupavam as vagas da **Ecole Polytechnique** e de postos estratégicos da administração estatal optam hoje por duas alternativas: quando se formam na **Polytechnique** tendem a migrar para os comandos das empresas, abandonando o controle estatal aos "enarcas" ou se vêm forçados a deixar a carreira de engenheiros, formando-se como administradores e ingressando nos serviços do Estado, para aqui assumir cargos dirigentes. Os filhos dos burocratas de primeiro e segundo escalão tendem hoje a ocupar as vagas da ENA, assumindo, após sua formatura, automaticamente os cargos dirigentes do governo.

Enquanto se processam essas alterações sutis na cúpula do poder, no campo intelectual e do poder, os filhos de trabalhadores manuais, pequenos comerciantes, agricultores e operários, raramente ascendem às **Grandes Ecoles**. Quando isso acontece, são totalmente cooptados, rompendo as relações com sua classe de origem. As tendências estatísticas comprovam, assim,

que "estruturalmente" falando, nada mudou. Segundo Bourdieu a sociedade francesa do século XX continua sendo "estruturalmente" a mesma do século XVIII.

Cabe examinar mais de perto este "estruturalmente falando". Somando-se, por exemplo, as percentagens dos netos de operários, agricultores e pequenos empregados, que se encontravam matriculados na ENA ou na ENS nos anos da pesquisa (1968/88), o total ultrapassa os 25% no primeiro e 30% no segundo caso. (cf.p.352/3). Ou seja, quase um terço dos "normalistas" e mais de um quarto dos "enarcas" que formam as elites intelectuais e políticas da França de hoje, provêm das classes trabalhadoras do começo do século. Examinando-se os quadros estatísticos mais recentes (cf. tabelas na p.291) as percentagens de filhos de agricultores e operários inscritos na ENA ou ENS se reduzem a 10, no máximo 15%. Esses dados podem ser lidos de duas maneiras: as chances de acesso aos quadros dirigentes diminuíram nos últimos anos. É a leitura feita por Bourdieu. Ou, numa leitura que combine as duas tabelas da origem socio-econômica incluindo pais e avós, verifica-se que houve uma mudança estrutural da sociedade francesa: muitos "enarcas" e "normalistas", cujos avós ainda eram agricultores e operários, têm pais pequenos comerciantes, artesãos, professores e administradores de níveis médios. Houve portanto, uma ascensão social de uma geração para a outra.

Por isso não surpreende que a maioria dos "normalistas" e "enarcas" (entre 50 a 70%) provenham das camadas intermediárias, incluindo professores de escolas primárias e técnicas, artesãos, pequenos comerciantes, burocratas de médio escalão, etc., e que entre 30 e 40% se recrutem entre os filhos de antigos "normalistas" e "enarcas". Bourdieu não dá destaque a outro detalhe importante contido nos dados publicados em seus anexos: o concurso interno da ENA. Trata-se de um canal de ascensão criado pela administração central e que permite aos funcionários de médio escalão se candidatarem (mediante concurso, com cursos preparatórios gratuitos, fornecidos pelos institutos universitários especializados) a cargos do alto escalão. Dos "enarcas" dessa categoria, 26% têm pais (e mais da 40% tem avós paternos e maternos) agricultores, operários ou pequenos empregados.

Diante dos dados fornecidos pelo próprio Bourdieu, fica difícil sustentar a tese de que a estrutura social francesa "praticamente não mudou" nesses últimos 200 anos. Recorrendo-se a outras fontes, como por exemplo o estudo igualmente crítico realizado por Baudelot e Establet (*Le niveau monte*, 1989) delineiam-se mudanças estruturais e qualitativas que não constam da análise de Bourdieu. No estudo mencionado, os autores mostram que houve uma equiparação das chances educacionais de rapazes e moças, especialmente nos últimos 20 anos, incluindo-se todos os níveis da formação escolar. As mulheres francesas, mais que qualquer outra categoria social, souberam beneficiar-se da dimensão emancipatória contida no sistema escolar, concorrendo, hoje, em pé de igualdade com os homens a todos os cargos. Além disso, reduziu-se o desnível da qualidade do ensino entre as escolas parisienses e as escolas de província, apesar de persistirem, até hoje, diferenças sutis entre as escolas, mesmo em Paris. Portanto, houve mudanças estruturais, houve aumento das chances educacionais, houve maiores facilidades de ascensão, criadas pelas es-

colas (vide os cursos preparatórios para os grandes concursos, o concurso interno promovido pela ENA, a participação ativa das mulheres e dos alunos de província nesses concursos, outrora reservados aos “garçons”, filhos de pais parisienses). Mas houve também a elitização. Se antigamente ela se legitimava pelo sangue e pela fortuna, hoje ela precisa legitimar-se **também, ou pelo menos**, através da competência profissional, calcada no “capital escolar”.

A Revolução Francesa sofreu os golpes da Restauração. A burguesia no poder não socializou os meios de produção, não universalizou os princípios da igualdade, fraternidade e justiça social, como era de esperar pela radicalidade original do movimento. Se a sociedade francesa hoje não é tão democrática quanto se poderia esperar a partir dos ideais da Revolução, ela certamente é mais democrática do que a sociedade francesa do **Ancien Régime**. As pequenas e grandes “**Ecoles**” tiveram a sua participação nesse processo: permitiram simultaneamente a democratização e a elitização, pela formação de uma minoria privilegiada da qual os “enarcas” são hoje os representantes mais significativos.

### As idéias fora do lugar...

E o que isso tem a ver com a “nossa realidade”, com o Brasil? Em que sentido as análises de Bourdieu se aplicam à realidade social e escolar brasileira? Não estariam as suas idéias sobre a reprodução das estruturas fora da França, “fora do lugar”?

Bourdieu não é um desconhecido para os sociólogos e educadores brasileiros. A sua obra foi brilhantemente introduzida e divulgada por Sérgio Miceli (1974) e Renato Ortiz (1983) e usada para inúmeras análises do campo educacional e científico. Seu livro **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino** (em co-autoria com Passeron) formou gerações de educadores brasileiros e seu **Le Métier de Sociologue** (escrito com Chamboredon e Passeron) virou leitura obrigatória dos cursos de sociologia. Qual a “abertura” que o novo livro de Bourdieu pode dar ao leitor brasileiro?

Como procurei mostrar, o livro fornece um quadro detalhado das estruturas e dos mecanismos de recrutamento das elites francesas contemporâneas. Todo leitor interessado na França terá enorme proveito em lê-lo. O livro é ainda uma lição de sociologia e metodologia científica. Sua leitura atenta dispensará os melhores cursos de pós-graduação dentro e fora do país. Será, sem dúvida, um dos novos “clássicos” da sociologia. Mas justamente por isso, cabe um alerta ao leitor desprevenido.

Assim como o “modo de produção capitalista”, analisado por Marx, se calcava na realidade histórica da Inglaterra do século XIX, e a “burocracia racional”, descrita por Weber, tinha como modelo o Estado prussiano da virada do século, a “nobreza de Estado” tem seus fundamentos na história da sociedade francesa, na Revolução de 1789 e na V República de Mitterand.

Ao transpor o seu esquema de análise irrefletidamente para o Brasil, como freqüentemente tem acontecido, deturpa-se a realidade, mistifica-se aquilo que se pretendia desvendar. Na pior das hipóteses, reproduz-se, de forma banal, a tese da reprodução.

A crítica feroz de Bourdieu contra a "competência" dos intelectuais e tecnocratas, coroados com os mais altos títulos do mundo acadêmico, e que hoje controlam o governo e os ministérios franceses, perde entre nós todo sentido. Se no Brasil o recrutamento dos altos funcionários do governo, assessores de ministros, diretores dos bancos nacionais e das empresas estatais funcionasse segundo os mecanismos da competência escolar e profissional, respeitando carreiras regulamentadas e asseguradas pelo Estado, como é o caso na França de hoje, não teríamos testemunhado os recentes escândalos do "emprego" de familiares e amigos na burocracia estatal brasileira.

Se as instituições de ensino superior (IES) tivessem o prestígio e a seriedade das **Grandes Ecoles**, se as carreiras públicas fossem estruturadas e vinculadas às instituições formadoras dos seus quadros, se os salários correspondessem efetivamente aos níveis de competência como Bourdieu mostra com seus diagramas eloqüentes, se... não estaríamos no Brasil, não estaríamos falando da sociedade brasileira contemporânea.

Se a análise de Bourdieu pode ser válida (e isso com restrições) para a sociedade francesa, ela não se aplica ao Brasil. Isso não quer dizer que não possamos fazer uma análise à la Bourdieu das nossas IES, dos mecanismos de distribuição de bolsas de estudos, da maneira como os recursos de pesquisa são canalizados para instituições dentro e fora da universidade, da polarização do campo científico, etc. Bourdieu estudou as **Grandes Ecoles** como os antropólogos estudam povos isolados, de preferência em ilhas, relacionando os seus estudos etnográficos ao campo social global. Com isso Bourdieu deu um belo exemplo a pesquisadores e estudiosos: há muita "ilha" no Brasil a ser descoberta e analisada, muito estudo etnográfico sério a ser feito. Desde o jardim de infância da esquina à escola de bairro, do ginásio particular ao segundo grau público, das faculdades isoladas às universidades estatais, sem falar das grandes siglas: CAPES, CNPq, FINEP, etc., há "ilhas" por todo lado, especificamente brasileiras, verdadeira produção nacional. Cabe aos antropólogos e sociólogos brasileiros estudá-las com a mesma seriedade e integridade de Bourdieu.

Para que as idéias fiquem no lugar que lhes cabe, não se pode simplesmente "importar" e "reproduzir", é preciso converter a moeda ao câmbio local: pesquisar com habilidade e competência de Bourdieu as Instituições de Ensino Superior brasileiras, em seu próprio "campo de poder".

Ao competente, os louros. Bourdieu soube colhê-los na França com **La Noblesse d'Etat**.

## BIBLIOGRAFIA

- BAUDELLOT, Christian & ESTABLET, Roger. **Le Niveau Monte**. Réfutation d'une vieille idée concernant la prétendue décadence de nos écoles. Éditions du Seuil, Paris: 1989.
- BIRNBAUM, Pierre. **Les Sommets de l'État. Essai sur l'élite du pouvoir de l'État**. Éditions du Seuil, Paris: 1980.



- BOURDIEU, Pierre. **Les Héritiers. Les Étudiants et la Culture.** Les Editions de Minuit, Paris: 1964.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude & PASSERON, Jean Claude. **Le Métier de Sociologue.** École de Hautes Études en Sciences Sociales & Mouton Éditeur, Paris: 1986.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. **La Reproduction. Éléments pour une théorie du système d'enseignement.** Les Editions de Minuit, Paris: 1970.
- BOURDIEU, Pierre. **La Distinction. Critique sociale du Jugement.** Les Éditions de Minuit & Fondation Maison des Sciences de l'Homme, Paris; 1979.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus.** les Éditions de Minuit, Paris: 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **La Noblesse d'État. Grandes Écoles et Esprit de Corps.** les Editions de Minuit, Paris. 1989.
- MANDARIN, Jacques. **L'Énarchie ou les Mandarins de la Société Bourgeoise.** La Table Ronde, Paris: 1986, 1980.
- MICELI; Sérgio. "A força do sentido". Introdução à edição brasileira de BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas,** Editora Perspectiva, São Paulo: 1974.
- LE MONDE DES LIVRES de 10.3.1989: "Les nouveaux aristocrates" de Thomas Ferenczi, pgs. 15 e 18.
- LE MONDE DE L'ÉDUCATION – Mars 1989, Enquête: "La nouvelle jeunesse des Écoles Normales Supérieures" pgs. 68-86.
- LE NOUVEL OBSERVATEUR de 9-15 de março de 1989. Notre Époque: Un entretien avec Pierre Bourdieu – "Le pouvoir n'est plus Rue d'Ulm mais à l'ENA", pgs. 80-83.
- ORTIZ, Renato (org.), Introdução a **Pierre Bourdieu.** Coleção Grandes Cientistas Sociais nº 39, Editora Ática, São Paulo: 1983.